



AFRICANIDADES: CONHECER COMO FORMA DE COMBATER O RACISMO NA ESCOLA

Ana Carolina Tenorio de Almeida, Alice de Azevedo Cruz
Pereira, Davi Moraes da Silva.
Orientadora: Andréia Fernandes Neves
Escola Municipal Evaldo Salles
Rua do Moinho, nº 20 - Però - Cabo Frio - RJ.
CEP: 28922-235
emevaldosalles@semecabofrio.rj.gov.br



INTRODUÇÃO

O ambiente escolar convive com uma diversidade muito grande de pessoas e realidades sociais, é neste ambiente que muitas vezes se encontram culturas, raças, religiões, etnias, classes sociais e econômicas distintas. O convívio e a confraternização dessa grande diversidade muitas vezes são causas de violência e preconceitos, uma vez que o diferente passa a não ser aceito ou respeitado.

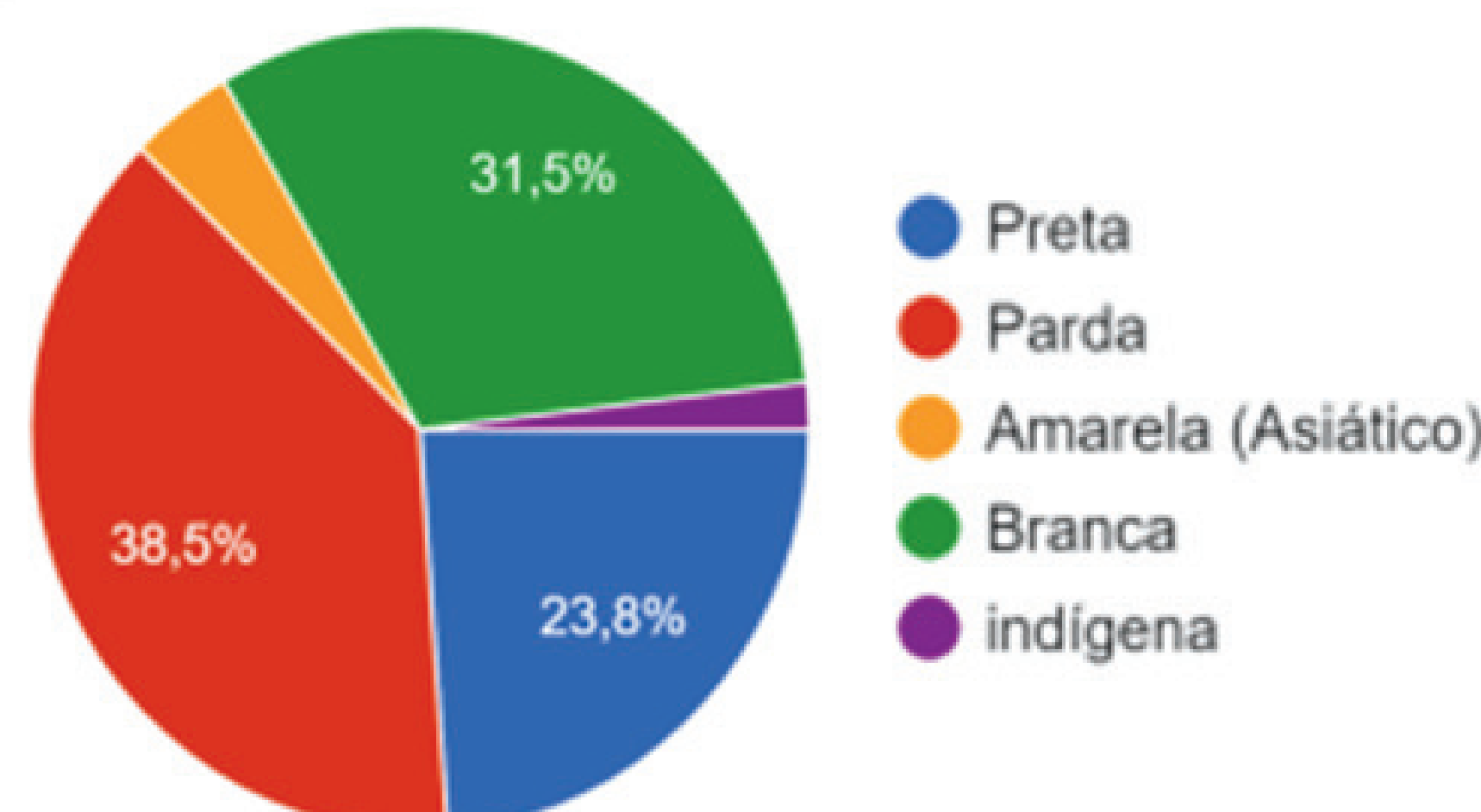
Neste contexto o Projeto Africanidades surge como uma ponte para a aplicação dos conceitos e conteúdos previamente exigidos nos currículos e leis, levando em conta a realidade encontrada na escola [...] Tentando formar a escola como um ambiente acolhedor e inclusivo e de empatia, identificando e refletindo sobre os casos de preconceitos, principalmente no que se refere ao racismo.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi pautada em uma entrevista realizada por um questionário, disponibilizado através de uma plataforma de formulários digitais que foi aplicada aos alunos da Escola Municipal Evaldo Salles, localizada em Cabo Frio, estado do Rio de Janeiro, durante o primeiro semestre de 2023. O questionário foi dividido e classificado de acordo com as respostas obtidas, e dividido em três partes, sendo a 1ª, coleta de dados pessoais como idade e ano de escolaridade, raça, religião entre outros. A 2ª parte, chamada de questões norteadoras, tem como objetivo saber se o entrevistado conhece e se reconhece nas formas de violência e preconceitos sugeridas: racial; religioso; xenofóbico; homofóbico. Na 3ª parte, chamada de questões esclarecedoras, o objetivo é identificar o posicionamento da comunidade escolar a respeito dos temas tratados, questionando se acredita que exista racismo no Brasil; se considera-se racista ou que reproduz o racismo; se considera-se uma pessoa antirracista;

Gráfico 2 – Cor ou raça/etnia

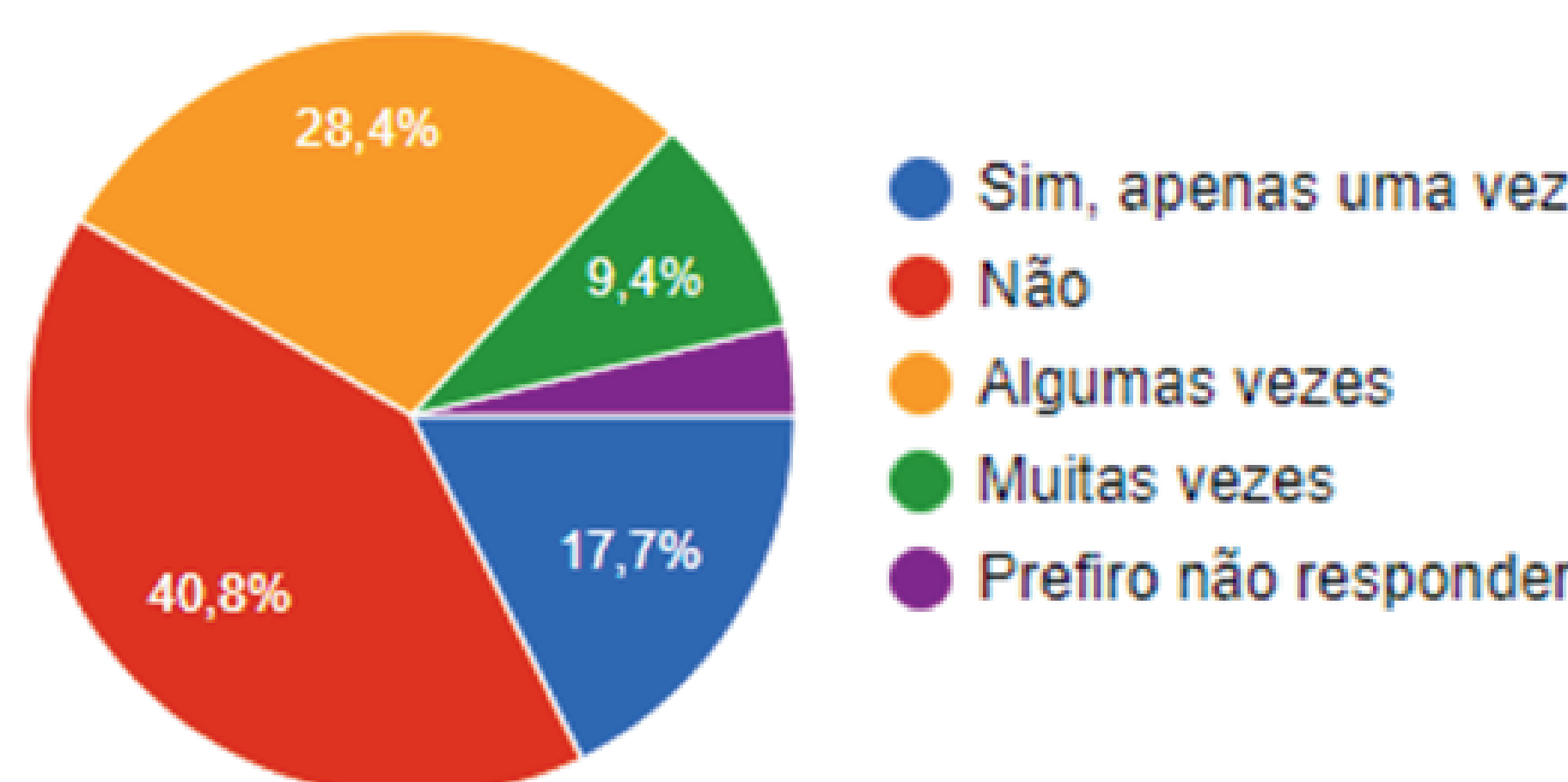
3- Cor ou raça/etnia
533 respostas



Em 2024, equipe AFRICANIDADES fez uma releitura dos dados colhidos na pesquisa, assim como novas atividades de valorização da cultura negra e fortalecimento do pensamento, principalmente através de atividades com temas que fomentem a educação antirracista em nossa escola, como oficinas, exposições, rodas de leituras negras e debates sobre temas estudados.

Gráfico 6 – Ocorrência de algum tipo de violência

532 respostas



RESULTADOS

Na fase de 2023, foram coletadas quinhentas e trinta e três (533) respostas, onde foi possível identificar muitas das particularidades de nossa comunidade escolar. A maioria dos entrevistados apresenta entre 10 e 20 anos de idade, 69% das respostas; entre 21 e 30 anos foram 11,1% dos entrevistados; 7,1% entre 31 e 40 anos; 6% entre 41 e 50 anos; e 6,8% com mais de 50 anos. Foram entrevistados membros da comunidade escolar: alunos, funcionários, pais e responsáveis, na busca de uma análise mais ampla do contexto em que a escola se insere. A maioria se declara negro (pretos e pardos) formando um total de 62,3% de todas as respostas obtidas.

Percebemos com os dados, que a maioria dos entrevistados já sofreu preconceitos e violências, o que corrobora com o dado colhido, de que a maioria já cometeu algum tipo de violência. É possível fazer uma reflexão sobre o como estar inserido num ambiente preconceituoso e violento pode gerar ainda mais violência ou fomentar ainda mais preconceito e discriminação. Em 2024, o projeto trabalhou com ações de valorização da História e cultura afro-brasileira, afim de combater o racismo em âmbito escolar.



CONCLUSÃO

O antirracismo é uma abordagem proativa e comprometida para a promoção da igualdade racial e a eliminação do racismo em todas as suas formas. Ser antirracista não é apenas uma questão de palavras, mas de ações concretas e contínuas para criar uma sociedade mais justa e inclusiva para todos, independente de origem racial ou étnica. Esse projeto tem um riquíssimo potencial ainda a ser trabalhado, o próximo passo, é auxiliar na construção de currículos escolares baseados nos princípios da educação antirracista, visando promover a igualdade dentro e fora dos muros da escola, fomentando a propagação do antirracismo, para tal, trabalhamos na criação de um Núcleo permanente de Estudos Afro e indígenas na escola. Em 2024, percebemos que a comunidade, está menos tolerante em relação as formas de discriminação, em decorrência da difusão dos temas ao longo do ano.

REFERÊNCIAS

- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.
BRASIL. Lei Nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2008.
BRASIL. Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.
RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: 1ª Companhia das Letras, 2019.